

Pescadores protegem seu peixe e sua cultura

Monalisa Lins/AE

Reserva criada há um ano recupera a paz de comunidade no sul da Bahia

HERTON ESCOBAR
 Enviado especial

CORUMBAU – Seu Milton, um velho pescador de pele cor de cobre, queimada por mais de 50 anos de trabalho ao sol, viveu praticamente toda a sua vida num paraíso, sem grandes preocupações. Ainda jovem chegou a Corumbau, uma pequena vila de pescadores artesanais no sul da Bahia, rodeada por manguezais e recifes de coral imersos em águas quase transparentes. Até que a fartura do mar começou a atrair visitantes indesejados, que abalaram a tranquilidade da comunidade e puseram em risco seu ganha-pão.

Há cerca de cinco anos, barcos de outras comunidades começaram a pescar regularmente nas águas da ponta do Corumbau, atraídos pela abundância dos camarões-rosa e sete-barbas. O que antes era pesca artesanal ganhou proporções comerciais. “Um dia cheguei a contar 180 barcos”, conta Milton do Carmo. “Os barcos de fora exploravam tudo e não deixavam nada para o povo daqui. Eles acabaram com o camarão na área deles e depois vieram acabar com o nosso. Além disso, chegavam à comunidade falando palavrão, bebendo e arrumando briga.”

Sentindo-se encurralados, os pescadores procuraram a ajuda do Centro Nacional de Populações Tradicionais (CNPT), órgão do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). A ideia era criar uma reserva extrativista (Resex), onde apenas os pescadores tradicionais da comunidade poderiam pescar. O Ibama

REDES VOLTAM MAIS CHEIAS DO MAR



Dentro da reserva de Corumbau – que abrange 90 mil hectares de mar – os pescadores mantêm uma área de 4.500 metros quadrados protegida como berçário de peixes

Monalisa Lins/AE

com 25 embarcações cada. Apenas eles podem pescar na reserva. Até o fim do ano, cada comunidade terá um plano de uso específico determinando onde, quando e como cada pescador pode trabalhar sem prejudicar o ambiente ou comprometer os recursos naturais.

O modelo é bom para os pescadores, que não precisam competir com outras embarcações, e para os conservacionistas, que passam a ter a comunidade como aliada nos esforços de preservação. Mesmo dentro da Resex, os pescadores mantêm uma área de 4.500 metros quadrados protegida como berçário de peixes. “O mar vai retribuir esse nosso cuidado”, diz Milton, confiante.

Biólogos da CI devem concluir nos próximos meses um levantamento completo da biodiversidade marinha da reserva. A vedete são os recifes dos Itacolomis, bem em frente da Ponta do Corumbau. Com até 7 quilômetros de diâmetro, os recifes abrigam uma grande diversidade de espécies de coral, onde vivem centenas de espécies de peixes, moluscos e crustáceos. “Esperamos encontrar muitas espécies novas”, prevê Dutra.

Os resultados já são visíveis nas redes dos pescadores, que chegam cada vez mais carregadas. “A produção está melhorando e a tranquilidade do povo está ótima”, observa Milton. Num dia bom, cada pescador chega a pegar 150 quilos

de camarão. O tamanho do crustáceo também aumentou, garante o pescador pataxó Manoel Pereira de Souza, de 50 anos. “Antes estava muito pequeno, só servia para usar de isca.” Das 150 famílias do Corumbau, a maioria é de origem pataxó.

Pescaria – Enquanto o barco de Manoel está no conserto, ele pesca com o amigo Cesário Neves de Jesus, de 37 anos, um homem brincalhão. Ele toca o barco Edivânia, batizado em homenagem à filha, com tranquilidade, guiando o leme com o pé. A dupla fica surpresa ao saber que o mesmo camarão que vende para os “atravessadores” – aqueles que compram e revendem o produto para o mercado – por R\$ 0,90 o quilo chega a custar R\$ 5 sobre um bolinho de arroz nos restaurantes japoneses de São Paulo. “O atravessador paga a gente mal e depois explora o consumidor”, comenta Cesário.

A esperança do pescador é que a Resex traga, além de mais peixe e camarão, energia elétrica, asfalto e desenvolvimento. O único acesso à vila é por 56 quilômetros de estrada de terra escorregadia e cheia de buracos, o que isola a comunidade e deixa os pescadores à mercê dos atravessadores. Eles são os únicos que possuem freezers na vila, mantidos por geradores a óleo. “Com energia elétrica, poderíamos armazenar e vender nossa produção. Daria para pescar menos e ainda assim ganhar mais dinheiro”, afirma Cesário.



Manoel Pereira de Souza: satisfeito com os resultados da pesca

Reservas extrativistas estão em expansão

Já foram criadas 19 Resex em áreas de mar e floresta; outras 20 estão sendo avaliadas

Explorar o ambiente como forma de preservação é um modelo de conservação cada vez menos polêmico e cada vez mais copiado no Brasil. A ideia que está dando certo no meio dos pescadores do Corumbau nasceu entre os seringueiros da Amazônia, nos anos 80, foi defendida por Chico Mendes e hoje é a base de 19 reservas extrativistas (Resex) em áreas marinhas e de floresta. Quatro foram criadas só no mês passado, em Rondônia e no Amazonas, e até o fim de outubro devem estar concluídos estudos para a formação de outras 20.

“Não estamos conseguindo atender à demanda”, conta o

chefe do Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais (CNPT), Atanagildo de Deus Matos. O CNPT é o órgão do Ibama responsável pelos levantamentos socioeconômicos e ambientais usados no processo de criação e gerenciamento das Resex. Matos, que é ex-diretor do Conselho Nacional dos Seringueiros, diz que as reservas extrativistas são iniciativas das comunidades. “O CNPT só entra no processo com um abaixo-assinado da população.”

Em vez de fechar completamente uma área, o modelo de reserva extrativista busca tornar a conservação ambiental uma atividade lucrativa para as comunidades tradicionais que vivem no local. O CNPT e os ambientalistas entram com o conhecimento técnico, enquanto a população fornece mão-de-obra e vigilância constante.

“Querem preservar uma área privando as comunidades que precisam desses recursos para sobreviver é insustentável”, afirma o biólogo Guilherme Dutra, da organização Conservation International.

Nas 16 Resex da Amazônia, além de borracha, há exploração de pescado, cipó, castanha e açaí e outros frutos típicos da região. Atividades madeireiras não são permitidas. Sempre que possível os produtos são manufaturados na própria comunidade para adquirir maior valor agregado. “O elemento principal de uma Resex é a melhoria de vida e renda das famílias que preservam o ambiente”, afirma Gumerindo Martins de Sá Filho, assessor do CNPT na área de organização comunitária. “Uma coisa fica garantida logo de cara, que é o direito do trabalhador à terra”, completa Matos. (H.E.)

Invasores ainda preocupam comunidade

CORUMBAU – Poucos barcos de fora ainda invadem as águas da Ponta do Corumbau para pescar, desde que a reserva foi decretada, há um ano. Mas o problema não está totalmente afastado. A demora do Ibama em designar um gerente para a área preocupa os pescadores, que não têm poder de polícia para barrar os invasores. Eles apenas anotam o nome dos barcos e encaminham denúncia para o CNPT.

“Quando o decreto saiu todo mundo parou de pescar”, conta Guilherme Dutra, da CI. “Agora, sabem que não há fiscalização e podem vir pescar aqui porque não acontece nada.” Durante a visita do Estado, os pescadores aproveitaram a presença do fiscal do Ibama Gabriel Marchioro, gerente do Parque Nacional Descobrimento, vizinho da reserva, para abordar quem pescava ilegalmente na reserva. A embarcação e o equipamento foram apreendidos, além de 48 quilos de camarão e 17 quilos de peixe. O dono do barco pode receber multa de até R\$ 5 mil. (H.E.)